

Doenças Infecciosas em Sistemas de Produção de Leite

O manejo sanitário dos rebanhos leiteiros é extremamente importante para que sejam evitadas doenças que possam interferir na produtividade e na qualidade do leite. Medidas profiláticas são necessárias para garantir a saúde dos rebanhos leiteiros. A seguir são descritas algumas das principais doenças às quais o produtor de leite deve estar atento para garantir a produtividade dos rebanhos leiteiros.

Mastites

A mastite ou mamite bovina é uma das principais doenças que afetam os rebanhos leiteiros em todo o mundo. As mastites podem ser de natureza infecciosa (provocada por microrganismos) ou não infecciosa (causada por agentes físicos, produtos químicos, etc.), sendo as de natureza infecciosa as que mais comprometem o desempenho produtivo dos rebanhos, uma vez que são transmissíveis e alteram a composição do leite.

As mastites se classificam em clínica (quando os sintomas já estão evidentes) e subclínica (só pode ser diagnosticada através da contagem de células somáticas (CCS) ou do Califórnia Mastitis Test).

A ocorrência de mastite é influenciada por uma série de fatores não inter-relacionados, tais como a conformação do úbere, o estado imunitário dos animais, as condições dos esfíncteres das tetas, as condições gerais de higiene, os procedimentos de ordenha, as condições de manutenção da ordenhadeira mecânica e do ordenhador.

A desinfecção das tetas antes e após a ordenha e o tratamento das vacas no início do período seco são métodos efetivos para a redução da ocorrência de mastite.

A ordenha em separado de vacas com mastite desempenha importante papel para a manutenção da qualidade do leite a ser beneficiado, evitando prejuízos ao produtor.

O tratamento da mastite clínica deve ser feito logo após o exame diário através do teste da caneca de fundo escuro, preferencialmente obedecendo ao antibiograma (teste de sensibilidade a antibióticos) do rebanho.

O tratamento da mastite sub-clínica é feito no período seco da vaca, utilizando antibióticos específicos, também de acordo com o antibiograma do rebanho.

Febre Aftosa

A febre aftosa é uma das enfermidades virais que mais prejuízos causa à pecuária brasileira, sendo estes decorrentes da restrição do comércio de animais e de seus produtos por parte de países livres da doença. Acomete todos os animais de casco fendido, como os bovinos, ovinos, caprinos e suínos, sendo uma doença de notificação obrigatória às autoridades sanitárias da região, que se responsabilizarão pelas providências necessárias.

Os sintomas clínicos da doença são típicos de enfermidades vesiculares: os animais param de se alimentar (anorexia), febre, salivação intensa (sialorréia), vesículas que formam úlceras e se localizam no epitélio oral, nos espaços entre as unhas, nas tetas e na região coronária dos cascos. Não há um tratamento específico para a doença, por ser esta uma infecção viral.

As fontes de infecção são bovinos infectados e seus produtos. Após um surto da doença, todas as instalações deverão ser desinfetadas e a propriedade isolada. O período de incubação da enfermidade é de aproximadamente 2 a 6 dias, sendo o diagnóstico laboratorial muito importante para que se possa fazer a diferenciação entre outras doenças vesiculares, sendo o material de escolha a ser enviado ao laboratório o líquido das vesículas.

O controle da doença é feito através da vacinação sistemática com vacina de ação prolongada, a ser aplicada de acordo com o calendário oficial divulgado pela agência de defesa sanitária estadual, IDARON.

Raiva dos herbívoros

É uma enfermidade viral, aguda e fatal, caracterizada por sintomas nervosos representados por isolamento do rebanho, agressividade, andar cambaleante, opacidade da córnea, dificuldade para engolir líquidos, dificuldade para defecar (fezes ressecadas) mudanças de comportamento, paralisia progressiva dos membros e morte.

A transmissão dessa doença nos bovinos é feita por morcegos hematófagos (que se alimentam de sangue). O período de incubação pode variar de 1 a 3 meses.

O controle da raiva dos herbívoros se dá através de vacina inativada aplicada em todo o rebanho (animais acima de três meses) e uma segunda dose 30 dias após a primeira.

No caso de suspeita de um animal acometido pela doença deve-se:

- Isolar o animal do rebanho.
- Nunca manipular o animal.
- Não consumir a carne do animal doente.
- Procurar imediatamente o escritório da IDARON no seu município.

No caso de mordedura no homem ou contato com animais suspeitos de raiva deve-se:

- lavar com água e sabão o ferimento;
- procurar a Secretaria Municipal de Saúde;

Leptospirose bovina

A leptospirose bovina é uma doença bacteriana freqüente nos rebanhos bovinos, podendo determinar abortos, distúrbios reprodutivos (retenção de placenta e natimortos), alterações congênitas, ou infecções inaparentes capazes de comprometer a eficiência reprodutiva do animal, levando-o à subfertilidade, além de perdas na produção de leite e problemas com mastites normalmente associadas com o sorovar hardjo que determina a síndrome da queda do leite ou milk drop syndrome. Embora a taxa de mortalidade nesta espécie seja baixa (5%), a morbidade (taxa de animais portadores da doença) geralmente é alta.

Na prevenção e no controle da leptospirose é importante eliminar as fontes de infecção. Animais portadores sadios e aqueles em recuperação podem eliminar o microrganismo pela urina, infectando outros animais. Os ratos são reservatórios permanentes de leptospiras e infectam reservatórios de água, poças de água estagnadas, bebedouros e cochos. A vacinação é o método mais eficiente de controle da doença e deve ser feita com vacinas polivalentes.

Informação técnica: Luciana Gatto Brito (Méd. Vet., Dsc., em Ciências Veterinárias - Parasitologia, pesquisadora da Embrapa Rondônia, Porto Velho, RO, luciana@cpafro.embrapa.br)
Editoração e layout: Itacy Duarte Silveira
Fotos: acervo Embrapa Rondônia
Porto Velho, RO, julho, 2008
Tiragem: 300 exemplares.

Doenças Infecciosas em Sistemas de Produção de Leite

Apoio:

